

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL NA ESCOLA

Izabel Laurentina Quirino de Lima

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2016

Izabel Laurentina Quirino de Lima

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Belo Horizonte

2016

Ficha catalográfica

--

Izabel Laurentina Quirino de Lima

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cláudia Elizabete dos Santos

Aprovado em 9 de Abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra Shirley Aparecida Miranda – Faculdade de Educação da UFMG

Cláudia Elizabete dos Santos – Orientadora

RESUMO

Este trabalho foi realizado por meio da análise de práticas pedagógicas desenvolvidas em turmas de Educação Infantil da Rede Municipal de Contagem e de Belo Horizonte. A proposta foi investigar como a literatura afro-brasileira contribui para a construção da identidade de crianças de quatro anos matriculadas em uma turma de um Centro Municipal de Contagem (CEMEI) e de crianças de um ano matriculadas em uma turma de uma Unidade Municipal de educação Infantil em Belo Horizonte (UMEI). Este estudo foi originário de inquietações, principalmente de como as crianças constroem suas identidades étnico-raciais desde bem pequenas. As leituras, intervenções e reações das crianças em sala e nos demais espaços da escola demonstraram que, para que a criança tenha uma autoimagem positiva, é preciso que aprenda a conviver com a diversidade étnico-racial e com as diferenças entre os indivíduos em nossa sociedade. Torna-se importante considerar que esta criança, quando chega ao ambiente escolar, já teve contato com outras oportunidades de construção de identidade, não cabendo à escola ignorar este fato e sim identificar suas capacidades e habilidades para construir sua autoimagem respeitando as diversidades étnico-raciais. A observação iniciou-se em maio de 2014 até dezembro de 2015, apoiada nas orientações da Lei 10.639/03 que delibera a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas brasileiras. Durante o desenvolvimento do plano de ação, durante o ano letivo foram feitas observações no ambiente escolar, oportunizando às crianças condições de construir uma imagem positiva de si.

Palavras-chave: identidades étnico-raciais; infância; literatura afro-brasileira.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela oportunidade de participar e concluir um curso de especialização na temática racial que muito influenciou em minha trajetória de vida.

À minha querida mãe, por seu apoio, dedicação e principalmente pelo colo que muitas vezes precisei. Pelo seu amor incondicional.

Ao meu pai, homem sábio e de poucas palavras: Filha nunca desista de seus objetivos.

À minha filha, Izabella Bárbara, que apesar de estar do outro lado do oceano atlântico, não mediu a distância, tempo e principalmente a diferença enorme de fuso horário, para me acompanhar, orientar, estimular e sempre depositar grande confiança em mim. Obrigada filha pelo carinho, parceria e incentivo para que eu concluísse esse trabalho.

Ao meu filho, Rafael Matias Júnior, que apesar de também estar fazendo seu TCC me deu suporte de TI nas dúvidas que iam surgindo durante a realização de meu trabalho e uso dos equipamentos tecnológicos. Obrigada pela dedicação e carinho.

Ao meu marido Rafael, que sempre foi grande incentivador para que eu realizasse essa pós-graduação. Obrigada companheiro por não medir esforços para estar ao meu lado e sempre me apoiar.

À minhas irmãs e irmãos, pela paciência, atenção, companheirismo e confiança em mim depositadas. Em especial à minha irmã Cleonice que me apoiou e orientou.

À todas, minhas amigas que muito contribuíram para a realização deste trabalho, principalmente à Rafaela que foi uma grande parceira na realização do trabalho.

À minhas colegas de curso, pela caminhada que percorremos juntas (os).

Ao Programa de Ações Afirmativas da UFMG pela oportunidade.

Aos meus professores e coordenados do Ações. Obrigada por nos mostrar o outro lado da história com tanta competência e determinação.

À minha querida e estimada orientadora Cláudia Elizabete, mulher guerreira e de muita fibra, que pacientemente de maneira especial e compromissada me orientou durante todo o trabalho.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. A Educação Infantil na Rede Municipal de Belo Horizonte	10
2.1 A construção da identidade na Educação Infantil	12
2.2 A construção e a afirmação identitária das crianças	13
2.3 Como a escola participa da educação das relações étnico-raciais	14
3. A Literatura Infantil Afro-Brasileira na Educação Infantil	17
3.1 A presença da literatura afro-brasileira nos acervos escolares	18
3.2 A Contação de Histórias e Literatura Infantil	19
3.3 A inclusão dos contos africanos no espaço escolar	21
4. Metodologia	24
4.1 Abordagem da temática étnico-racial na CEMEI Vila Esperança Nosso Lar	24
4.2 Abordagem da temática étnico-racial na UMEI São Marcos	28
5. Considerações finais	31
6. Referências	34
7. Anexos	38

1. INTRODUÇÃO

O foco desse estudo foi a análise de práticas pedagógicas que visam a construção da identidade das crianças pequenas na educação infantil através da literatura afro-brasileira. As crianças constroem suas identidades étnico-raciais desde bem pequenas e, para que tenham uma autoimagem positiva, é preciso que aprendam a conviver com a diversidade étnico-racial e com as diferenças entre os indivíduos em nossa sociedade.

Apesar de ser o país com a segunda maior população negra do mundo, o Brasil por muitos anos ignorou a diferença e as necessidades dessa população (TRIUMPHO, 2014). Criou-se o mito de que não existiam desigualdades entre os indivíduos devido a cor da pele. Este denominado mito da democracia racial foi difundido na sociedade brasileira, principalmente nas décadas de 1930 a 1960, através de obras como as de Gilberto Freyre, e veem perdurando até os dias atuais.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) frequentemente mostram as desvantagens dos negros em relação aos brancos em vários aspectos. Dentre eles, o acesso à infraestrutura urbana e habitação, educação e justiça, mercado de trabalho e na distribuição de renda. A crença no mito da democracia racial colaborou por atrasar a criação de políticas públicas para minimizar essas diferenças.

Através da promulgação da Lei 10.639/03, o dia vinte de novembro tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra. Esta medida favorece a implantação de ações que reconheçam as diferenças e fortaleçam propostas de trabalhos, projetos e práticas voltadas para a valorização e o respeito da diversidade cultural nas instituições escolares.

Os gestores, docentes e demais membros da comunidade escolar das várias instituições de ensino, embasados em leis, diretrizes e resoluções, precisam somar forças para promoverem ações quem rompam com o mito da democracia racial. Entretanto, apesar da pluralidade cultural ser discutida nas escolas, muitas práticas discriminatórias ainda permanecem no âmbito escolar.

A escola encontra-se presa a esse modelo estrutural, pois temos um arquétipo de políticas e de formação excludente de se entenderem e pensarem as diferenças. Dessa forma, geralmente, negamos o múltiplo e utilizamos um padrão, em geral, único para avaliar e validar todos os demais, no entanto, os que não fazem parte dele são excluídos, deixados de fora, por isso, precisamos romper com ele, pois essa abre precedentes para o racismo, já que as diferenças em relação ao padrão são vistas como algo negativo (GOMES & ABRAMOWICZ, 2010, p.91).

Segundo Gomes & Abramowicz (2010), na escola geralmente trabalha-se como se não houvesse diferenças, a partir de um discurso da igualdade entre as crianças apesar de ocorrerem práticas ostensivas de diferenciação, principalmente de caráter racial e estético. É preciso que os profissionais que trabalham nas escolas conheçam a realidade da comunidade atendida para que possam atuar na escola com mais segurança e compromisso social. É necessário um trabalho de valorização do pertencimento racial das crianças.

Conforme o artigo 13 – II da lei 12.288/2010, não faz sentido só incorporar temas que dizem respeito à pluralidade étnica e cultural da sociedade nos cursos de formação de professores. É imprescindível que todos os envolvidos possam coletivamente refletir, dialogar com essa temática e apontar novos caminhos para promover a igualdade racial. Os conceitos de cultura e identidade devem ser trabalhados em conjunto. Os sujeitos dos vários segmentos da escola precisam ser envolvidos para que a questão racial possa ser entendida de maneira mais ampla pelas crianças, famílias e profissionais da escola.

A escolha do tema deste plano de ação se aproxima da minha trajetória profissional. Sou professora da Educação Infantil desde 2009. Durante 5 anos trabalhei como professora de educação infantil na Rede Municipal de Contagem. Em meados de 2015, fui nomeada no cargo de Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Aproximei-me da temática Étnico-Racial ao participar do curso de formação Grupo de Trabalho (GT) Étnico Racial, na Prefeitura de Contagem, com a pesquisadora, formadora e pedagoga Rosa Margarida de Carvalho, a quem devo grande consideração e respeito, pois através do GT aprendi a me ver com outros olhos e aceitar-me como sou: negra.

Durante o período em que participei desse grupo de trabalho, pude conhecer a verdadeira história da África e dos Africanos que ia contra a versão que me foi ensinada. Nesta me foi apresentada uma África de doença, miséria e escravidão.

Com isso, senti a necessidade de me reeducar nessa temática, uma vez que me foram introjetados desde cedo conceitos preconceituosos e estereotipados sobre os negros.

A professora Rosa Margarida iniciou o curso referente a temática racial de uma maneira bem descontraída lançando a seguinte pergunta: “E você professor, qual é o seu imaginário sobre a África?” As respostas da maioria dos professores foram as mais estereotipadas e preconceituosas possíveis: escravidão, miséria, doença, sofrimento, fome, cabelo ruim, beijudo, pobreza, macumba, dentre outros. Também tiveram respostas como Nelson Mandela, animais, capoeira e congado, porém, da minoria dos professores. Além disso, foi também aplicado um questionário com diversas perguntas sobre o Continente Africano. O resultado também foi alarmante: quase todos nós professores não conhecíamos a história da África. Então, aos poucos, fui mudando minha concepção sobre a África e sentindo a necessidade de me reeducar o mais rápido possível, já que tenho nas mãos uma grande missão: a de educar as crianças desde pequenas, para que as mesmas conheçam, reconheçam e valorizem sua identidade racial.

O período do curso não foi suficiente para que eu entendesse toda a trajetória dos negros e fiquei instigada a conhecer mais sobre esse povo ao qual pertencço. Para minha surpresa o curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola - EPPIR foi disponibilizado para os docentes da Prefeitura de Contagem e de outros municípios vizinhos.

Por acreditar que é bem mais fácil educar do que reeducar é que comecei meu trabalho com as crianças da educação infantil. Adotei como prática pedagógica a construção da identidade, apresentando às crianças as literaturas afro-brasileiras, e utilizando o reforço positivo da cultura e características negras. Iniciei a pesquisa em uma escola da Prefeitura Municipal de Contagem no Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI Vila Esperança Nosso Lar), com crianças de quatro anos e finalizei na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI São Marcos) com crianças de um ano.

O público alvo deste projeto será a Educação Infantil da CEMEI Vila Esperança Nosso Lar e da UMEI São Marcos. Com turmas de crianças de quatro e um anos respectivamente. O objetivo geral da pesquisa foi o de avaliar como a Literatura Afro-Brasileira influencia na construção da identidade das crianças na

Educação Infantil.

Este trabalho foi dividido em quatro tópicos além da introdução. No primeiro destaquei a importância da educação infantil e a formação da identidade colaborando para a afirmação das identidades raciais. Também abordei a obrigatoriedade de se trabalhar a História e Cultura Afro-Brasileira de acordo com as Leis 10.639/03 e Lei 11.645/08.

No segundo tópico foquei a importância da contação de história e valorização da literatura infantil para as crianças pequenas no espaço escolar, além da relevância em se trabalhar a literatura afro-brasileira na escola.

No terceiro tópico apresento as características do CEMEI Vila Esperança Nosso Lar e da UMEI São Marcos, e o corpo docente e discente que compõem a mesmas. Destaco também como a temática é abordada na escola assim como desafios e perspectivas do uso da literatura infantil afro-brasileira no ambiente escolar.

No quarto e último tópico, apresento as considerações finais, através de questões iniciais como a abordagem da literatura afro-brasileira na Educação Infantil possibilitando a construção identitária das crianças pequenas e percebendo que a inclusão de diversas literaturas deve ser essencial como possíveis estratégias de superação destas diferenças.

2. A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

A Educação Infantil no decorrer dos anos está ganhando o seu reconhecimento e sendo entendida como um direito das crianças. Hoje não é vista apenas como uma entidade assistencialista, mas um espaço que, além de cuidar, também educa, reconhecendo as crianças como sujeitos competentes que vivenciam e produzem cultura, valorizando seus saberes, suas habilidades e suas competências das várias experiências no ambiente do qual fazem parte.

A Educação Infantil para crianças de 0 até 5 anos é organizada em dois ciclos de idade de formação, que juntamente com o 1º Ciclo do Ensino Fundamental compõem o ciclo da infância. Assim, a infância está organizada em três ciclos e a Educação Infantil está organizada em dois ciclos: o primeiro ciclo: crianças de 0 até 3 anos; já o segundo ciclo com crianças de 4 até 5 anos; e o terceiro ciclo com crianças de 6 a 8 anos. Nessa organização a Educação Infantil compreende parte do primeiro ciclo de formação que é a infância, período que vai de zero aos nove anos de idade. Portanto, o ciclo da infância tem início na Educação Infantil e termina no Ensino Fundamental (BELO HORIZONTE, 2009).

As Proposições Curriculares da Educação Infantil de Belo Horizonte (2009, p.65) discorrem sobre as linguagens que devem ser consideradas na Educação Infantil que são: linguagem corporal, linguagem musical, linguagem verbal (oral e escrita), linguagem plástica visual, linguagem digital e linguagem matemática, apontando que o processo de construção da identidade é realizado pela criança através da mediação das linguagens e a interação com o outro.

Segundo as Proposições Curriculares da Educação Infantil de Belo Horizonte (2012) a organização e práticas pedagógicas devem existir para efetivar a realização, junto às crianças, de um espaço legítimo para viverem tudo aquilo que se considera próprio da infância: ambiente seguro, saudável, acolhedor e estimulante; rotina estruturada e flexível em seu cotidiano; respeito à sua individualidade e suas diferenças; construção de laços afetivos e sociais; proteção, limite e segurança; construção de sua identidade e autonomia; cuidados básicos de saúde, higiene e alimentação; construção de conhecimentos na relação com o outro; possibilidades de se expressar por meio das múltiplas linguagens; oportunidades de experimentar, explorar e ampliar os conhecimentos do mundo à sua volta; espaços e tempos para

brincar, imaginar, representar, repetir e imitar; acesso à produção cultural e científica da humanidade, profissional e, conseqüentemente, à vida do país (GLÓRIA, 2015). Observa-se, portanto, que ao desenvolver com as crianças da Educação Infantil um trabalho pedagógico que vivencia as múltiplas linguagens o professor está possibilitando que a criança entre em contato com as diversas culturas formadoras de nossa sociedade, através de histórias, músicas, danças, teatro e outros elementos utilizados na abordagem dessas linguagens.

No ano de 2003, a Lei 10.639 alterou a LDB (9.394/96) e incluiu no currículo oficial de ensino a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira. No ano de 2008, a Lei 11.645 complementa a LDB e estende a obrigatoriedade aos povos indígenas. Assim, a legislação passou a exigir a inclusão no currículo oficial de ensino a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas públicas e privadas. Logo, a Lei 10.639/03 e a 11.645/08, que complementa a primeira, incluindo a história e a cultura dos povos indígenas, são de suma importância para a promoção da educação na perspectiva multicultural e antirracista, isto é, para a educação das Relações Étnico-Raciais.

A Lei nº 10.639/03 pode ser considerada um grande avanço para o reconhecimento justo e desejado dos movimentos sociais negros, para dar à história da África a relevância que ela possui, evidenciando os grandes feitos dos diversos povos africanos.

É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOWICZ, 1997, p.17)

Outro importante avanço para promoção da igualdade racial foi o subsídio na resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que dispõe sobre o reconhecimento, valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e a discriminação. Este substancial artigo impresso nas páginas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil configura-se como o representativo aparato jurídico, que faltava a lei 10.639/03 para explicitar a abrangência do trabalho com a temática, que, impreterivelmente deve ser contextualizado com as crianças desde a mais tenra idade. A Lei veio para satisfazer a necessidade de uma educação inclusiva e acesso

a história dos nossos ancestrais proporcionando uma quebra na hierarquia das relações inter-étnicas (MARIOSIA & REIS, 2011).

2.1 A construção da identidade na Educação Infantil

A Educação Infantil é um dos eixos do desenvolvimento humano. Durante os seis primeiros anos de vida, sobretudo de zero a três anos há uma maior plasticidade cerebral, ou seja, maior formação de novas conexões entre os neurônios (UNICEF et all, 2001). Assim, o ambiente ao qual as crianças estão expostas nessa primeira fase da infância tem grande influência em sua formação, já que estas começam a internalizar valores e conceitos necessários na construção da sua identidade.

Segundo Santana (2006, p. 44), a criança possui uma natureza única, sendo um ser que pensa e sente o mundo a sua própria maneira. É, também, nos primeiros seis anos de vida que a criança passa a encontrar o seu lugar no mundo, como interagir e sobreviver nele e a formar sua identidade, pois, como assinala Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Adicionalmente, Mariosa e Reis (2011, p. 46) destacam que “a construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história, sejam ele positivos ou negativos”.

A construção da identidade da criança vai depender das referências apresentadas a ela. A família, a comunidade em que as crianças estão inseridas e o espaço escolar contribuem para esta construção. Araújo e Morais (2014) afirmam que os brinquedos, personagens de desenhos animados e as histórias infantis que as crianças tem acesso podem reproduzir um padrão de fenótipo ou podem apresentar para as crianças, ainda bem cedo, uma diversidade cultural que realmente retrate a população brasileira.

Durante a leitura das histórias as crianças irão se deparar na maioria das vezes com heróis, mocinhas, príncipes e princesas, fadas e outros personagens, brancos e de origem europeia, levando-a acreditar que os padrões do belo e do bom são esses narrados ou que ela vê nos livros infantis, o que leva a criança branca a

se identificar e pensar superior as outras e a estar em uma posição privilegiada em relação às demais etnias. Desse modo, também se alimenta na criança negra a imagem de que é inferior e inadequada, fazendo com que esta cresça com a ideia introjetada de branqueamento, de que só será aceita se aproximar dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Mariosa e Reis (2011) e Araújo e Moraes (2014) consideram que, trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira, onde os heróis são referências em histórias com protagonistas negros, pode contribuir, tanto para a construção da identidade e da autoestima de crianças negras como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca.

Trabalhar a literatura infantil afro-brasileira, no contexto da sala de aula, contribuirá significativamente para romper com esse modelo educacional eurocêntrico e monocultural que privilegia apenas os saberes e a cultura europeia, ou seja, da cultura hegemônica (ARAÚJO, 2013). A segurança emocional se desenvolve a partir do sentimento de pertencer a um grupo, através do amor, do respeito, interesse e empatia mútuos; da pessoa sentir que tem os mesmos direitos (REGEN, 2006, P.7). Silva defende

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber e possa trazer imagens enriquecedoras pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima (SILVA, 2010, p.35).

A construção da identidade é formada num processo de participação coletiva com responsabilidade compartilhada de todos que sonham e agem para acabar com o preconceito tão presente em nosso cotidiano. Torna-se fundamental criar situações significativas, favoráveis ao acesso a conhecimentos da realidade social e cultural, comprometendo-se com todos, sem exclusão, superando desafios para que, cada criança negra seja cidadã de seu tempo de fato e de direitos.

2.2 A construção e a afirmação identitária das crianças

A construção da identidade é individual e também social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido. (SCHMITZ, 2005). Dessa forma, as categorias sociais de auto identificação são

produzidas no âmbito das relações sociais e das disputas de poder (Elias & Scotson, 2000). Isso implica que a “identidade” resulta da manipulação de uma imagem positiva ou negativa do grupo. Com efeito, os processos identitários se baseiam no fato de que somos sempre o outro de alguém; o outro de um outro Platão (1972), . Agier (2001) e LUCENA & LIMA (2010).

Assim, a identidade individual ou coletiva se forma a partir de um olhar sobre o outro; ou a partir do olhar que o outro possui sobre nós. Isso coloca em foco questões relativas a conflitos e alianças, dando a “identidade” uma roupagem, de certa forma, contingente. Desse modo, as “identidades” não devem ser pensadas como categorias fixas no tempo e no espaço. Elas se elaboram através de complexas interações dos indivíduos com seu grupo e com o grupo de fora, configurando um espaço de encontro de subjetividades Du Bois (1999). Lucena e Lima (2010) a “identidade” remete a se pensar sempre num caminho inacabado e renovável.

De acordo com Mariosa e Reis (2011, p. 51) a falta da valorização do fenótipo e da cultura negra causa a não aceitação por parte das crianças negras de sua ancestralidade africana e de todos os referenciais relacionados, prejudicando sua formação identitária e assim contribuindo de forma negativa para seu conceito de beleza e de bom.

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. Então, conforme Abramowcz, (1989) para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental.

2.3 Como a escola participa da educação das relações étnico-raciais

Trabalhar a educação das relações étnico-raciais na escola não é uma tarefa fácil. Um desafio que há décadas vem sendo discutido, principalmente, pelas organizações negras brasileiras, em particular, pelas organizações negras baianas, que desde a década de 1970 vem desenvolvendo e colocando em prática, nos espaços onde estão situadas e junto às escolas, abordagens pedagógicas que contempla a diversidade étnica-racial e cultural do povo brasileiro (ARAÚJO, 2013, p.122.).

De acordo com Azoilda Trindade (2006) vivemos em uma sociedade onde as diferenças são negadas, excluídas e hierarquizadas e os padrões de normalidade são valorizados. Esta pode ser considerada outra dificuldade em se abordar as relações étnico-raciais na educação infantil.

Devido à pressão dos segmentos que compõem o Movimento Negro Brasileiro, em 1995 foi incluso Pluralidade Cultural como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, e em 2003, criada a Lei 10.639. Lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação do ensino fundamental e médio, nas escolas públicas e privadas do país.

É a partir da década de 1970 que o movimento negro, pouco a pouco, consegue dar início ao processo de ressignificação positiva da representação do negro em obras literárias infanto-juvenis, proporcionando a produção de obras comprometidas em resgatar a identidade racial da criança negra, através da valorização de práticas e valores culturais da população afrodescendente no Brasil (PEIXOTO, 2011, p. 84).

Por outras palavras, é a partir dos anos de 1970 que a atuação de diversas e diversificadas organizações negras que compõem o movimento negro brasileiro, na busca pela ressignificação, resgate e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, pela afirmação da identidade negra, ganha maior visibilidade no cenário nacional brasileiro (ARAÚJO, 2013, p.23).

Se pararmos para refletir, perceberemos que a literatura infanto-juvenil trabalhada nas escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, no Brasil, sempre foram os livros adaptados dos contos de fadas, ou seja, a partir dos referenciais europeus (JOVINO, 2006; MARIOSIA; REIS, 2011). Com a lei, muitas escolas da educação infantil passaram a incluir livros da literatura infanto-juvenil afro-brasileira no cotidiano escolar das crianças. Neste sentido, Macedo (2008, p. 78) ressalta que a inserção dos saberes empíricos e culturais no sistema de ensino do saber formal pode ter uma repercussão positiva, já que influencia na atratividade da escola e contribui para a formação de cidadãos conscientes da realidade local e universal, além de empoderar as populações cujas tradições são passadas apenas por seu esforço informal.

A função da escola e, principalmente da Educação Infantil, é a transmissão dos valores morais. É nessa faixa de idade que se constrói a base. Assim, a falta de atenção para com a diversidade étnico-racial e cultural presente na escola irá

contribuir para a manutenção do racismo e do preconceito para como os diferentes grupos historicamente discriminados.

Tanto a escola quanto os professores precisam assumir o papel de agentes transformadores da sociedade para que sejam construídas novas concepções, novas metodologias, oportunizando a criança a ser sujeito construtor da história do seu tempo para que esta aprenda a conviver com a diversidade cultural.

De acordo com Silva (2007, p.3) a educação é um dos meios de socialização da grande maioria dos indivíduos, principalmente das crianças e exerce papel transformador na realidade das pessoas, podendo modifica-la através de intervenções contextualizadas na sociedade em que estamos inseridos.

A escola como espaço, por excelência, onde a diversidade étnico-racial e cultural se encontra, tem por dever colocar em prática uma educação que contemple essa diversidade. Pois, “possibilitar o diálogo entre as várias culturas e visões de mundo, propiciar aos sujeitos da Educação a oportunidade de conhecer, encontrar, defrontar e se aproximar da riqueza cultural existente nesse ambiente é construir uma educação cidadã” (GOMES, 2001, p. 91). Por outras palavras, possibilita a construção de uma educação libertadora, como pautava Paulo Freire.

A Lei 10.639/03 representa um ganho significativo para os afro-brasileiros. Apesar dos entraves em sua implementação, já é possível perceber que houveram mudanças, ainda que não suficientes, na abordagem da educação para a promoção da igualdade racial nas escolas (ARAÚJO & MORAIS, 2014).

3. A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A literatura infantil representa uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem das crianças. Esta faz com que elas entrem em contato com diferentes culturas a partir das suas histórias, conhecendo alguns elementos que compõem a identidade de um povo. De acordo com Silva (2010), o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com estas histórias: uma, é através da oralidade e a outra através dos livros (PIRES & GOMES, 2015; MARIOSA & REIS, 2011).

Através da leitura é possível construir hábitos, valores e costumes. A literatura permite a ampliação do olhar e, também possibilita enxergar o mundo como um espaço de liberdade e convivência entre os diferentes, oportunizando uma apropriação de saberes. Nesse processo, a literatura infantil é de suma importância para a recreação e na construção de valores das crianças e para a aquisição de conhecimentos.

Para Borsa (2007), um dos objetivos mais importantes no processo de socialização é a criança aprender o que é considerado correto e o que se julga incorreto no meio social onde convive. De forma que, na interação com o outro possa alcançar um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem a sociedade e se comporte de acordo com eles. Assim, esse processo contínuo de construção, socialização e interiorização de conceitos, de valores e de costumes influencia na subjetividade e na construção da identidade da criança. Na Educação Infantil, por exemplo, a literatura infantil traz reflexões de fortalecimento identitário que auxiliam na construção da identidade da criança e na socialização.

Tendo isso em vista, pode-se dizer que um dos principais caminhos para se abordar a questão étnico-racial e trabalhar a autoestima das crianças em sala de aula é a apresentação das literaturas afro-brasileiras para as crianças desde a mais tenra idade.

3.1 A presença da literatura afro-brasileira nos acervos escolares

A literatura infantil nasceu juntamente com a infância, no final do século XVII. Antes dessa data, nada era produzido especificamente para essa faixa etária, pois a infância era uma fase desconsiderada pela sociedade (PEREZ, 2012).

Percebe-se que, quando as referências das literaturas infantis são semelhantes às das crianças, onde esta percebe suas características físicas e/ou fenotípicas aparecendo nas tramas de forma positiva, contribui expressivamente para o aumento da autoestima, na formação da identidade social e individual, na construção de conceitos e na interação como o outro. Araújo e Moraes (2014) consideram a escola contribuirá para a criança se sentir mais motivada e inclusa no ambiente escolar e no processo educativo. Cavalleiro (2005), Santana (2006), entre outros, mostram que a criança negra, em geral, nega-se perante o outro por não perceber na historiografia oficial a história do seu povo e seus aspectos culturais, principalmente, pela invisibilidade da sua cultura no currículo escolar e nos materiais didáticos.

A falta da representatividade de pessoas negras é percebida também nas mídias e quando acontece se percebe que o negro, a negra e a criança negra aparecem nas novelas em papéis de pessoas subalternas. Para Silva (2000) a criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si própria e dos outros que lhes assemelham.

Portanto, a Literatura Afro-Brasileira, se usada de forma comprometida, rompendo com estereótipos e preconceitos, pode ser uma grande aliada no despertar da formação da identidade étnico-racial; na valorização da cultura negra e de combate ao racismo, que desde a mais tenra idade já começa a ser reproduzido por meios de comportamentos e atitudes racistas, geralmente, vistos pelos profissionais que atuam na escola como brincadeiras inocentes. (ARAÚJO & MORAIS, 2014 p.3)

Conforme o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT (2012) se houver uma intervenção qualificada e que não ignore a raça como um componente importante no processo de construção da identidade da criança, outra história sendo construída.”

Assim a literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil tem papel importante no desenvolvimento intelectual e social da criança. A carência desse

acervo leva a perceber que, além das dificuldades apresentadas pelos professores para o trabalho com o tema em sala de aula, as bibliotecas também não oferecem livros de Literatura Infantil voltadas para o tema em quantidade suficiente para a realização de um trabalho efetivo de conhecimento da cultura afrodescendente. Faz-se necessário que o professor possa contar com um acervo de livros voltados para o proposto pela Lei nº 10.639/03, através da promoção da igualdade étnico-racial e a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana.

O que há de novo e de bom no mercado editorial? Como saber? Como escolher livros? Como promover a leitura de livros de literatura com temática afro-brasileira em sala de aula, que aqui estamos chamando de afro-literatura? Este é um conjunto de questionamentos que devem estar presentes nos cursos de formação de professores, em todas as modalidades, instigando o redesenho de princípios e práticas para lidar com assuntos antes silenciados ou tratados de maneira danosa ou perversa. (SOUZA, 2005, p. 1).

A educação contribui na forma de agir dos homens que pode alterar comportamentos, atitudes, hábitos e com isso orientar o homem para um processo de transformação, seja dele próprio ou da sociedade da qual faz parte.

Nesse contexto, ser um leitor crítico na sociedade atual é condição indispensável para que se possa sair de uma situação de passividade e conformidade, para uma outra de questionamentos e ações que possam transformar a atual conjuntura sócio-político-cultural, rumo a uma maior conscientização e, conseqüentemente, melhor formação. Na formação leitora em torno desses livros, deve-se reconhecer e apontar abordagens, textos e imagens que possam de algum modo prejudicar a construção positiva da identidade da população negra e também identificar materiais e livros adequados, promover boas práticas de leitura, capazes de questionar e desconstruir mecanismos e práticas racistas e discriminatórias. Trata-se de criar e promover espaços voltados à equidade social e étnico-racial (SOUZA, 2005, p. 1).

3.2 Contação de Histórias e Literatura Infantil

Segundo Cunha (2003) a Literatura Infantil surge dos contos populares, que se tornaram o bojo de inspiração de muitos autores atualmente reconhecidos. Nesse sentido Arroyo (1990) comenta que esta é a principal razão de considerar a contação de história a gênese da Literatura.

A contação de histórias é o primeiro contato da criança com um texto e é também onde se inicia a possibilidade de sentir as emoções. Acrescenta ainda “ah, como é importante para a formação de qualquer leitor ouvir, ouvir muitas histórias. Escutá-las é início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo (ABRAMOWICZ, 1993, p.16)

É importante usar os diversos tipos de textos que circulam em nossa sociedade com as crianças no início do percurso escolar, isto é desde a Educação Infantil, entretanto é preciso dar mais foco na literatura infantil. Desde cedo as crianças apreciam ouvir histórias contadas ou lidas. É necessário ao apresentarmos diversos tipos de literatura incluindo também as que abordam a questão racial.

De acordo com Silva (2010) a literatura tem papel importante para a humanidade, é a partir dela que podemos unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário e/ou de sua ideologia. Acrescenta ainda que nas atividades educativas “a literatura oral e escrita assume uma parcela prioritária na formação do indivíduo, pois a partir dos contos é possível repassar uma história real, seja escrita nos dias atuais ou mesmo há séculos, como relata as histórias míticas e religiosas” (SILVA, 2010, p. 04).

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. O professor deve estimular a criança a participar da história que está sendo contada e envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens (ABRAMOWICZ, 1993, p. 23).

Ao interagir com a história, a criança passa a despertar emoções como se estivesse vivendo o que ali lhe é narrado, permitindo que, através da imaginação, exercite a capacidade de resolução de situações cotidianas.

Portanto, a literatura infantil juntamente ao ato de contar história, na Educação Infantil, funciona como importante meio de socialização, de construção da identidade, de transmissão de valores morais, culturais, na formulação de conceitos e no desenvolvimento cognitivo. Daí a importância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira no ambiente educacional, bem como no círculo familiar e outros espaços.

3.3A inclusão dos contos africanos no espaço escolar

Com o predomínio de protagonistas brancos na literatura infantil, de acordo com Jovino (2006), no final da década de 20 e início da década de 30 do século XX,

os personagens negros começam a aparecer. Para Mariosa e Reis (2011) as histórias, neste período, não mostravam positivamente o negro e sua cultura, ao contrário, reforçavam a imagem dele como subalterno, analfabeto e ignorante.

Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil, buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana. (MARIOSA & REIS, 2011, p.45).

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (JOVINO, 2006: 216)

A escritora e professora Vanda Machado salienta que: no exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida (MACHADO, 2002, p. 03).

Peixoto (2013, p 08), contempla histórias e escritas literárias afro-brasileiras e africanas, no âmbito do ensino literário, significa romper com a perspectiva tradicional do ensino de literatura no Brasil, que apresenta o negro de forma negativa e estereotipada. Também como meio de preencher “a ausência de textos afro-brasileiros, através dos quais escritores assumidamente negros expõem literariamente ideias acerca do racismo e das experiências sociais do negro” na sociedade brasileira.

A condição do negro na produção literária infantil, na maior parte das vezes, é inferior à do branco. Colocam-no de maneira inferiorizada, depreciativa, pejorativa ou em situações humilhantes e vexatórias. Nesse sentido, o preconceito racial dentro da estrutura tradicional manifesta-se na luta do bem contra o mal: a personagem negra sempre representa o mal, e os elementos que justificam esse tratamento enaltecem, em contrapartida, as qualidades do branco vencedor.

É importante ressaltar que algumas produções destinadas ao público infantil procuram denunciar as injustiças sociais e resgatar os valores humanos, ao contrário daquelas que, conscientemente ou não, reforçam os preconceitos étnico-raciais, bem como os estereótipos.

A abolição da escravatura, de forma oficial, só veio em 1888. Porém, os negros sempre resistiram e lutaram contra a opressão e as injustiças advindas da escravidão. Através da chamada Lei Áurea assinada pela princesa Isabel, que os negros arrancados de suas terras e sendo obrigados a trabalhar sem salário, sem condições dignas de seres humanos receberam sua carta de euforia, com isso dando a impressão de acabar com o regime escravocrata. Para a Ministra da secretaria de Promoção da Igualdade Racial Nilma Lino Gomes, o dia 13 de maio é uma data para se denunciar a desigualdade ainda existente entre negros e brancos.

Conforme Santos (2005), no início do ano de 2003, o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, reconhecendo a importância das lutas antirracistas dos movimentos sociais negros, reconhecendo as injustiças e discriminações raciais contra os negros no Brasil e dando prosseguimento à construção de um ensino democrático que incorporasse a história e a dignidade de todos os povos que participaram da construção do Brasil, alterou a Lei nº 9.394/96 - que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional -, sancionando a Lei 10.639 no dia 09 de janeiro de 2003.

Foi escolhida a data de 20 de novembro, pois foi neste dia, no ano de 1695, que morreu Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares. Foi uma homenagem mais que justa, pois Zumbi personagem histórico representou a luta do negro contra a escravidão, no período do Brasil colonial. Ele morreu em combate, defendendo seu povo e sua comunidade. Os quilombos representavam uma resistência ao sistema escravista e também, uma forma coletiva de manutenção da cultura africana aqui no Brasil. Zumbi lutou até a morte por esta cultura e pela liberdade de seu povo.

A referida Lei propõe reflexões relevantes para a implementação de ações educacionais que busquem a superação do racismo e a valorização da população afrodescendente. Acredita-se que, uma vez alcançados os objetivos previstos nesta legislação, seus efeitos poderão repercutir em toda a sociedade, podendo transformá-la em uma sociedade mais igualitária. (SANTOS, 2005, p.32)

É importante ressaltar que as instituições escolares não devem focar o conhecimento sobre as diversidades culturais somente em torno destas datas comemorativas uma vez que o conteúdo deve ser trabalhado e sistematizado durante todo o ano letivo. Lembrando que quando as crianças ficam restritas somente as datas comemorativas o foco pode mudar do conhecimento para reforçar as desigualdades étnico-raciais.

4. METODOLOGIA

O plano de ação foi desenvolvido no CEMEI Vila Esperança Nosso Lar no período de maio de 2014 a dezembro de 2014. No período de março de 2015 a junho de 2015 estive de reserva técnica em várias escolas da prefeitura de Belo Horizonte, retomando novamente o plano de ação na UMEI São Marcos de junho a dezembro de 2015.

4.1 Abordagem da temática étnico-racial na CEMEI Vila Esperança Nosso Lar Secretaria Municipal de Educação de Contagem

Iniciei a pesquisa em uma escola da Prefeitura Municipal de Contagem no Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI Nosso Lar), como professora referência de uma turma de crianças de quatro anos. Esta turma tinha 18 crianças, sendo que, somente duas eram brancas.

As instalações físicas do CEMEI Vila Esperança Nosso Lar foram doadas à prefeitura por uma instituição assistencial “Nosso Lar”, nome que foi dado ao Cemei. O prédio contém 2 pavimentos, com muitas escadas. Possui 1 biblioteca, 1 sala de multiuso, 1 secretaria, 1 sala para direção, 1 para coordenação, 1 depósito de materiais escolares, 1 sala de professores, 1 refeitório, 1 banheiro para cada pavimento, 1 sala de turmas de crianças de 3 anos e uma para crianças de 2 anos que ficam em horário integral e 4 salas para crianças de 4 e 5 anos que ficam na escola em horário parcial, não possuindo parquinho.

De acordo com o professor Júnior Diniz (2014), este Cemei está situado numa região da cidade de Contagem que durante muitos anos foi estigma da miséria e criminalidade. A região foi se expandindo sem que fossem pensadas políticas públicas de saneamento, habitação e saúde. A instituição atende famílias de baixa renda, em grande parte negras e de baixa escolaridade.

Presenciava constantemente conflitos envolvendo diferenças raciais relacionadas à cor das crianças e textura do cabelo. Devido a isto, iniciei minha intervenção na escola, solicitada pela EPPIR mostrando para eles a beleza que cada um possuía através da observação de suas imagens no espelho. Era importante resgatar a autoestima das crianças e construir uma imagem positiva de si e do outro.

Através das rodinhas de conversa com os alunos expliquei que em nosso planeta, a Terra, vivem muitas pessoas diferentes. Pedi que cada criança se virasse e olhasse para o coleguinha do lado e verificasse se na sala de aula havia alguém igual a ele. Nesse momento, as crianças começaram a sorrir espantadas, dizendo: “Nossa professora! Aqui não tem ninguém igual”. Foi então, que continuei com o trabalho da observação no espelho. Colocava-os em duplas para as crianças se verem refletidas no espelho e, ao perceberem suas diferenças físicas, fossem relatando para o restante da turma o que observavam.

Depois que todas as crianças já tinham constatado suas características distintas, me aproximei também do espelho para que eles me descrevessem. Expliquei que somos todos diferentes, não apenas fisicamente, mas que cada um possuía sua própria história e sua cultura. Além disso, ensinei que a população brasileira é constituída por muitas raças: negra, branca, indígena, dentre outras, cada qual com contribuições importantes para a construção do país.

Outra atividade que promoveu uma discussão positiva foi a observação do Mapa Mundi. Expliquei que aquele desenho era do mundo em que vivemos, mostrei os continentes, o Brasil e o estado de Minas Gerais. Além disso, montamos um quebra cabeça com a representação do globo terrestre contornado por crianças de diversas etnias. Indiquei no mapa onde ficava a África e fui dando algumas informações sobre o Continente Africano. Depois, perguntei a eles se já tinham ido ao zoológico e que animais haviam visto. As crianças relataram o nome de muitos animais. Através desses animais presentes no cotidiano delas houve uma aproximação dos alunos com aquele continente considerado tão distante. Também levei diversas gravuras de animais africanos para que observassem. Depois, montamos vários quebra-cabeças com as figuras dos animais escolhidos. Essa atividade foi bem prazerosa para as crianças, durante todo o exercício elas se ajudaram e juntas iam identificando os animais que estavam sendo montados.

Levei ao conhecimento das crianças que muitas das comidas brasileiras, como o angu, a polenta, a canjica, o chuchu, a melancia e muitas outras são comidas de origem africana. A partir dessas atividades, iniciei a temática racial em sala de aula.

Embora tenhamos conversado bastante sobre a valorização e o respeito às diferenças de cada um, percebi que os conflitos em relação à cor e cabelos

continuavam. Acredito que influenciava o fato das crianças estarem acostumadas a ouvir somente histórias de literatura brasileira ou estrangeira, onde os brancos predominam como personagens principais. Percebi que era preciso mostrá-los outros heróis. Foi então que me propus a trabalhar a construção da identidade e autoestima das crianças através das literaturas afro-brasileiras ainda pouco abordadas nas escolas.

Uma das primeiras dificuldades encontradas foi o acervo escasso de títulos que abordassem as literaturas afro-brasileiras na biblioteca. Observei que quando disponíveis, os livros estavam em locais de difícil acesso, guardados em prateleiras altas, sendo pouco utilizados. Procurando saber o motivo pelo qual o material não podia ficar exposto para acesso das crianças na biblioteca, fui informada de que este era apresentado em datas oportunas à comunidade escolar.

Os títulos disponíveis foram “A Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado, “A Bonequinha Preta” de Alaíde Lisboa de Oliveira, “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém e “As tranças de Bintou” de Sylviane A. Diouf. Adquiri também para complementar o acervo o livro “O elefantinho das trombas caídas” de Consuelo Dores Silva.

Minha proposta era apresentar várias literaturas afro-brasileiras para as crianças e, através delas, fazer uma roda de conversas. Além disso, pedi às crianças para que fizessem a ilustração da história, confeccionamos alguns personagens do livro e, por fim, pedi para que fizessem um autorretrato.

Iniciei o trabalho com a história do livro “A Bonequinha Preta”. Através da rodinha de conversa com a turma, contei a história da bonequinha preta de Mariazinha, mostrei as gravuras para as crianças para que elas fizessem o relato da história. Logo após ter ouvido os relatos pela turma, perguntei qual das crianças tinha uma bonequinha preta. A resposta foi como o esperado: nenhuma daquelas crianças tinha uma boneca preta, pois pediam ou recebiam das famílias de presente bonecas brancas e muitas crianças disseram ter em casa a boneca Barbie.

Para que as crianças observassem a beleza das bonecas negras, levei para a escola uma linda boneca preta que minha sobrinha tinha ganhado. Ao ver a boneca vestida com lindos vestidos de chita colorida e os cabelos enrolados, as crianças ficaram surpresas, pois achavam que bonecas pretas eram feias. Depois desse contato com a bonequinha preta, diziam que iriam pedir para seus pais comprarem

uma boneca igual àquela para elas. Acharam até uma coleguinha da sala parecida com a bonequinha preta.

Aproveitei a oportunidade para explicar a elas que assim como temos vários tipos de bonecas e cada uma com sua beleza, também temos pessoas todas diferentes, porém com sua beleza individual e isso é o que nos torna únicos. Não somos iguais a ninguém, portanto devemos respeitar e valorizar cada um em sua individualidade. Por fim, uma criança branca, teve uma postura bastante pertinente ao assunto dizendo que se na sala todos fossem iguais a ela seria muito engraçado.

A cada ano era escolhido um tema para o projeto institucional com a finalidade de caracterizar cada turma da escola. O tema escolhido em 2014 foi bichinhos de jardim. As crianças conversaram com seus pais e trouxeram sugestões de nomes de bichos de jardim para que fosse feita uma votação e, através dela, a escolha daquele animal que representaria a turma. O bichinho mais votado para representar a turma foi a minhoca. Foi então que confeccionamos uma minhoquinha com meia preta e enfeitamos com rolinhos de papel higiênico cortado e pintado de várias cores.

Foi interessante observar que, mesmo uma ação que não foi planejada para abordar a temática racial, foi tratada com a mesma resistência que atividades sobre essa temática sofrem. A diretora da instituição de ensino ao ver a minhoquinha feita de meia preta e toda colorida perguntou onde eu havia visto minhocas pretas. Disse também que minhocas eram brancas e que a confeccionada pela minha turma só era preta por que eu estava fazendo um curso sobre educação étnico racial. Respondi que as minhocas não são brancas e que as que eu conhecia eram marrons ou pretas.

No dia em que a escola comemora Consciência Negra é feita a mostra da Diversidade Cultural e, por ter grande presença dos pais, neste dia também são entregues as atividades realizadas ao longo do semestre e as demais feitas especificamente para este dia. Aproveitei a oportunidade apresentando à comunidade os trabalhos que realizei com minha turma. Dentre eles: máscaras africanas, animais africanos (construímos uma maquete representando a savana), adicionamos cores alegres no projeto identidade sugerido pela escola.

Como estava próximo do Natal, investiguei com meus alunos se eles já tinham visto algum papai Noel negro, e, como a resposta foi negativa, concordamos

em construir e colorir o papai Noel de nossa turma de preto. A diretora da escola novamente ficou surpresa quando viu os trabalhos expostos e logo comentou com a pedagoga que até nosso papai tinha que ser preto. Só que para sua contrariedade os pais elogiaram o novo papai Noel negro com barbas brancas, pois eles também jamais tinham visto um Papai Noel assim. Achei bem interessante, pois a grande maioria dos pais eram negros.

Por fim, considero importante destacar um dos casos em que a mudança de comportamento foi mais evidente. Um dos alunos se sentia inferiorizado por ser negro, já que seus colegas usavam o termo negro de forma pejorativa. No princípio, ele não se sentia confortável ao se ver refletido no espelho e também não se reconhecia como negro. Depois de certo tempo, com o desenvolvimento do plano de ação e constante reforço positivo ele passou a sentir orgulho de ser identificado como negro e a gostar de admirar seu reflexo no espelho.

4.2 Abordagem da temática étnico-racial na UMEI São Marcos - Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

Em 2015, assumi a função de professora de apoio de uma turma de crianças de um ano de idade que ficam na UMEI em tempo integral. Mesmo estando agora diante de outra realidade optei, por continuar observando as crianças da UMEI num todo, pois senti que só na minha sala não seria suficiente.

A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) São Marcos começou a funcionar em junho de 2015 atendendo crianças de zero a cinco anos. A UMEI São Marcos foi criada a partir do desejo das professoras de Educação Infantil, comunidade e direção que trabalhavam na Escola Municipal Henriqueta Lisboa, localizada à rua Georgina de Pádua, 207, bairro Fernão Dias, regional Nordeste de Belo Horizonte.

Antes da UMEI São Marcos a Educação Infantil era atendida dentro da Escola Municipal Henriqueta Lisboa junto com as crianças do Ensino Fundamental do 1º ciclo ao 3º ciclo. Tanto as instalações físicas como o espaço não eram desejáveis às crianças da Educação Infantil, motivando a conquista de uma UMEI para a comunidade. A construção foi feita através de uma Parceria Pública Privada (PPP)

com a empresa Odebrecht, sendo iniciadas as aulas em junho de 2015. A UMEI São Marcos está localizada no bairro Fernão Dias.

A escola apresenta um espaço físico com 8 salas de aula para uso do turno parcial, 2 salas para uso integral e 1 berçário. Contém 2 banheiros para cada pavimento, 1 sala de professores, 1 biblioteca, 1 sala de multiuso, 1 secretaria, 1 sala da coordenação e vice direção, 1 cantina com refeitório e despensa, 1 pátio, 1 parquinho, depósito de material didático, depósito de material de limpeza, 1 estacionamento. Em relação aos professores temos um total de 34 profissionais.

Toda UMEI em Belo Horizonte é vinculada a uma Escola Pólo. A UMEI São Marcos por ser recém construída ainda não possui o Kit “ A Cor da Cultura” mas o mesmo pode ser encontrado na escola Pólo, que é a E. M. Henriqueta Lisboa. Na UMEI há uma biblioteca com diversas coleções literárias afro-brasileiras de fácil acesso as crianças.

Compartilhei com as colegas de trabalho da UMEI o desejo de tornar acessível às crianças as literaturas afro-brasileira e propus que elas cooperassem nesse sentindo com os alunos da UMEI, visando uma construção identitária positiva das crianças. Algumas professoras foram solidárias, até por que já tinham conhecimento da obrigatoriedade da Lei 10.639/03. Veio acrescentar nessa investida a contadora de histórias da escola pólo, que a cada mês visitava a UMEI e desenvolvia um trabalho de contação de histórias com todas as crianças, incluindo as literaturas afro-brasileiras. Ao observar a prática pedagógica das professoras da Educação Infantil da UMEI São Marcos constatei várias situações propícias ao desenvolvimento de práticas para construção da identidade racial das crianças.

A escola possui variados tipos de brinquedos inclusive várias bonecas negras. E estas bonecas ficavam sempre jogadas num cantinho da sala. Com o incentivo e estímulo positivo para que as crianças brincassem com estas bonecas, percebi que muitas dessas crianças passaram a escolher como objeto de apego as bonecas negras. Uma criança branca despertou minha atenção pois a mesma tinha preferência pelas bonecas negras o tempo todo.

Para entender como a literatura afro-brasileira contribui para a formação da identidade observei vários fatores: o ambiente em que a criança está inserida; a contribuição da família; os registros escritos, a prática pedagógica e a aplicação de atividades relacionadas em sala de aula.

Minha colega professora aceitou trabalhar em sua turma de alunos de cinco anos com o livro que sugeri: “Minha Mãe é Negra Sim” de Patricia Santana. Ela me relatou que grande parte das crianças identificaram que suas mães eram parecidas com a mãe do personagem Eno. Ela sugeriu que todos fizessem o desenho de suas mães e as crianças perguntaram se podiam colorir sua mãe da cor que ela era, ela afirmou que sim. No final da atividade todos mostravam orgulhosos o desenho de suas mães.

Através de uma rodinha de conversa trabalhei com minha turminha de um ano a literatura “Lulu adora biblioteca” de Anna McQuinn . As crianças gostaram da historinha, pois depois que contei a história levei-os à biblioteca também. Confeccionamos com as mãozinhas das crianças o desenho da Lulu. Apresentamos também para as crianças o filme “Kirikou - Os animais selvagens”. As crianças gostaram muito do filme, reagindo com surpresa, pois notaram que o ambiente e principalmente as roupas eram diferentes do que eles estavam acostumados a ver.

No dia da Consciência Negra trabalhamos várias atividades ligadas à África, com as crianças, porém me posicionei com a direção pois não iria trabalhar somente naquela data e queria abertura para desenvolver o projeto pedagógico de promoção da igualdade racial durante todo o ano, elas concordaram. Para essa mostra cultural à comunidade confeccionamos o mapa do Continente Africano, pintamos cada dedinho das crianças com as cores da África e colamos ao redor do mapa com os seguintes dizeres: África: Berço da Humanidade. Essa frase foi bastante questionada, pois a comunidade e parte dos professores não sabiam que a espécie humana surgiu na África.

A escola polo já trabalha a temática racial durante todo o ano letivo e apresenta vários trabalhos, danças, desfiles, rodas de capoeira, não somente no dia da consciência negra. A temática da Educação para as Relações Étnico-raciais é desenvolvida no decorrer do ano com a culminância em novembro.

Com o desenvolvimento dos planos de ação nas respectivas escolas, percebi uma mudança positiva no comportamento das crianças, confirmando que, trabalhar com as relações étnico-raciais é de fato essencial para que estas aprendam a valorizar e respeitar a si e ao outro. Portanto, pretendo continuar trabalhando com práticas pedagógicas voltadas para a valorização e construção da identidade racial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha proposta de intervenção na escola que trabalho, aos poucos foi se mostrando como um grande aprendizado para mim, pois, ao longo do trabalho, pude rever minha prática pedagógica e observar como era a construção da identidade das crianças na Educação Infantil. É fundamental pensar que, ao chegar na escola, a criança já traz consigo a sua história de vida que vai sendo construída e ampliada no espaço escolar.

A escola faz parte integrante da história individual de cada criança, pois é através de experiências significativas que a criança adquire conceitos e atitudes que podem refletir ao longo de sua vida adulta. Assim, torna-se cada vez mais importante conhecer a história dos nossos antepassados para investir desde a mais tenra idade sobre a temática das relações étnico-raciais na educação das crianças.

As instituições escolares devem trabalhar o respeito, a valorização e a aceitação das diferenças raciais e propor práticas de afirmação da identidade de cada criança. Portanto é necessário que o educador tenha uma formação crítica reflexiva, ou seja, tenha um olhar voltado para a multiculturalidade em nossa sociedade. O educador precisa também entender que determinadas ações, atitudes e gestos podem disseminar o preconceito racial que, sem perceber, acaba presente no dia a dia dos profissionais que lidam com as crianças.

Sabemos que, ao organizar as salas dos grupos e demais ambientes das unidades de educação, os gestores e os professores colocam à disposição das crianças “artefatos culturais”, brinquedos, livros, imagens etc. Em geral, não há consciência de que esses objetos traduzem determinadas ideologias e concepções, que educam em uma direção que esses profissionais não planejaram e que não o fariam intencionalmente (CEERT, 2012, p.19).

Logo, é de vital importância que as intuições de ensino revejam seus, materiais pedagógicos, currículos, brinquedos e livros existentes no cotidiano escolar e não aceitem atitudes e práticas discriminatórias. Afinal, precisamos estimular mudanças que reflitam sobre a promoção da educação das relações étnico-raciais na perspectiva do reconhecimento, do pertencimento para a construção de identidades das crianças como nos orientam as leis 10.639/03 e 11.645/08.

É necessário trabalhar com as crianças desde cedo com projetos pedagógicos voltados para a promoção da igualdade racial, pois as crianças precisam ter referenciais positivos sobre sua etnia, para que possam construir sua autoimagem.

De acordo com os (DCNEI) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

A valorização da diversidade das culturas das diferentes crianças e de suas famílias, por meio de brinquedos, imagens, narrativas que promovam a construção por elas de uma relação positiva com seus grupos de pertencimento, deve orientar as práticas criadas na Educação Infantil ampliando o olhar das crianças desde cedo para a contribuição de diferentes povos e culturas. Na formação de pequenos cidadãos comprometidos com uma visão plural de mundo, é necessário criar condições para o estabelecimento de uma relação positiva e uma apropriação das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América, reconhecendo, valorizando, respeitando e possibilitando o contato das crianças com as histórias e as culturas desses povos (BRASIL, 2013, p.89).

Portanto a necessidade de se trabalhar nas instituições de educação infantil com projetos educacionais de abordagem étnico-racial para que as crianças conheçam as diversas culturas presentes em nosso país e sua contribuição na formação da sociedade brasileira.

Durante a execução do plano de ação a literatura infantil afro-brasileira proporcionou às crianças visibilidade de figuras de personagens negros representados positivamente nas histórias. Esse conhecimento foi bastante significativo para a autoestima e afirmação da identidade étnico-racial das crianças negras. Contribuiu também, para a valorização e o respeito entre os diferentes indivíduos que convivem no espaço escolar.

É essencial despir de preconceitos incutidos dentro de cada educador e desconstruí-los para construir novas concepções, novas metodologias, oportunizando a criança a ser sujeito construtor da história do seu tempo para que esta aprenda a conviver com a diversidade cultural. Tanto a escola quanto os professores precisam assumir o papel de agentes transformadores da sociedade. Um dos caminhos para a desconstrução de preconceitos e estereótipos racistas presentes no cotidiano escolar é o uso da literatura infantil afro-brasileira, pois ela

fará com que cada criança se sinta como parte integrante das diversas culturas existentes, estimulando-as a construir uma identidade positiva de si e do outro.

As atividades desenvolvidas com as crianças confirmaram que a literatura infantil juntamente com a contação de histórias no ambiente escolar é bem relevante para a formação cognitiva e social da criança. A docente Wambui (citada em Santos, 2015, p.159) diz que “a escola precisa propiciar condições favoráveis para que docentes e crianças consigam identificar as diferenças entre si e valorizá-las como características individuais e não como desigualdade”. É imprescindível que todos os espaços escolares trabalhem com um currículo que contemple e estimule a formação de valores e atitudes essenciais para a convivência social. Concordo com a afirmativa de Mariosa e Reis (2011) sobre a importância da imagem da África também precisa ser revista. A ideia rotulada do continente africano como sendo um país de negros famintos e doentes e selvas elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Concordo com Souza (2002) quando afirma que a educação deve ter uma perspectiva afrocentrada, retirando-se materiais que abordam conteúdo racista do acervo das escolas e criando-se um núcleo específico na secretaria de educação para trabalhar o assunto do ensino de história afro-brasileira (SOUSA, & MOTTA, 2002). Somente assim será possível, através de educadores conscientes e preparados, construir um futuro com igualdade de direitos e respeito às diferenças.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. LITERATURA INFANTIL. SÃO PAULO: SCIPICIONE, 1993.

ABRAMOVICH, Fanny. “Por uma arte de contar histórias”. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Ed Scipione, 1997.

ABRAMOWICZ, A; GOMES, Nilma Lino. (Orgs). Educação e raça: perspectivas, pedagogias e estéticas. Belo Horizonte: Autentica 2010- (Coleção cultura negra e identidades; 18)

ARAÚJO, Jurandir de Almeida. A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. A Relevância em se Trabalhar a Literatura Infantil Afro-brasileira na Educação Infantil. Africanias, 2014

ARROYO, L. Literatura Infantil: ensaios de preliminares para sua história e fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ÁVILA, Tássia Maria Rodrigues. Mito da democracia racial: a percepção dos estudantes da Universidade de Brasília sobre a existência da igualdade racial no Brasil. 2014.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Desafios da Formação – Proposições Curricular Educação infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH. Belo Horizonte: SMED, 2009.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Desafios da Formação – Proposições Curricular Educação infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH. Belo Horizonte: SMED, 2012.

BORSA, J.C. O papel da escola no processo de socialização infantil. Psicologia.Com.PT, 2007.

BRASIL, I. B. G. E. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 164 p.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena”, e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 10 de março de 2008.

BRASIL. Resolução nº 5 que dispõe sobre o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as Histórias e as culturas Africanas, Afro-Brasileiras, bem como o combate ao racismo e a discriminação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, MEC, Brasília, 17 de dezembro de 2009.

BRASIL, Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

CAVALLEIRO, E. S. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 65 – 104.

CUNHA, M. A. A. Literatura infantil: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003

DINIZ, Júnior. Avaliação da Proposta Pedagógica na Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Contagem. 2014

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. In. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. In Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 2013

EDUCAÇÃO Infantil e Práticas promotoras de Igualdade Racial. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/publicacoes2.php?id=85> Acessado em: 10 de Janeiro de 2016

ELIAS, Nobert & SCOTSON John L. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder, a partir de uma Pequena Comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.

GLÓRIA, Hélia de Miranda. Principais Desafios Enfrentados Pelo Gestor Interventor de UMEI em Belo Horizonte. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de PósGraduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. P. 114. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, p. 83-96, 2001.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOVINO, I. S. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negras no Brasil. In: Souza, F.; LIMA, M. N. (ORGs.). Literatura Afro-Brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 180-217.

LASEB – Pós-graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica. Guia de Orientações para formatação do trabalho de conclusão do curso. Belo Horizonte, 2014.

LUCENA, Francisco Carlos de ; LIMA, Jorge dos Santos. SER NEGRO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE " IDENTIDADE NEGRA". Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, v. 1, n. 2, 2010.

MACEDO, Cesária Alice. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. In: BARROS, José Márcio (Org.). Diversidade Cultural: da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-87.

MACHADO, V. Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais. Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.

MARIOSIA, G. S.; REIS, M. G. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Est. Literária, v. 8, p. 42-53, dez./2011.

PEIXOTO, F. L. Literatura Afro-brasileira. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. Revista Eletrônica Pró-Docência, UEL, n.1. 2012

PIRES, Adriana; GOMES, Douglas. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA FRENTE À GARANTIA DISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: realidade ou utopia. Pedagogia em Ação, v. 7, n. 1, 2015.

PLATÃO. O Sofista – diálogos. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores)

REGEN, Mina. A instituição família e sua relação com a deficiência. Revista Educação Especial, n. 27, p. 119-132, 2006.

RUTH CECCON BARREIROS (UNIOESTE-Universidade Estadual do Oeste do Paraná).

SANTANA, P. S. Educação Infantil. BRASIL, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 30-49

SANTOS, Augusto Sales. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Cláudia Elizabete dos. FORMAÇÃO DOCENTE: Considerando a abordagem da diversidade étnico-racial e da diferença na educação infantil como ações de cuidar e educar. UEMG. 2015, Belo Horizonte.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC. 2000.

SILVA, José Artur do Nascimento. A Implementação da Lei 10.639/03 na Educação Infantil: Contação de Histórias que Contemplam a Diversidade Étnico-racial, 2007.

SILVA, M. R. A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

SOUZA, I. S, MOTTA, F. P. C, FONSECA, D; Estudos sociológicos e antropológicos. São Paulo; 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; SOUSA, Andréia Lisboa; DE ALMEIDA PIRES, Rosane. Afro-literatura brasileira: O que é? Para quê? Como trabalhar?. 2005

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de Educadores Negros: Compromissos com a educação das relações étnico-raciais. Identidade; Vol 6, Escola Superior de Teologia, 2004.

UNICEF et al. Relatório: Situação da infância brasileira 2001. UNICEF, Brasília, DF, 2001.

7. ANEXOS



Fig.1 Observação da turma de 4 anos do Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI Nosso Lar)



Fig.2 Abordagem da literatura afro-brasileira
(UMEI São Marcos)





Fig.3 Interação das crianças com as bonecas negras
(UMEI São Marcos)

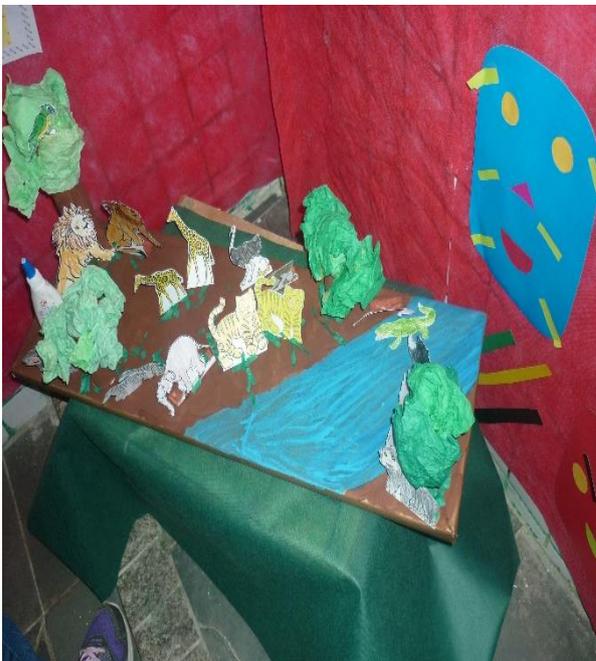




Fig.4 Trabalhos confeccionados na CEMEI Vila Esperança Nosso Lar



Fig.5 Trabalhos confeccionados na UMEI São Marcos